

CONTOS RELIGIOSOS: A TRADIÇÃO DA LITERATURA ORAL EM FOCO

Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra; Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, kekesoares@yahoo.com.br ; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, malupsampaio@hotmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta parte do resultado da dissertação de mestrado intitulada *No fantástico palco da memória: histórias de trancoso e construção da identidade na cultura popular*, defendida no Programa de Pós Graduação em Letras-PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. O objetivo foi analisar a construção das narrativas classificadas como contos religiosos sob o ponto de vista de uma contadora de histórias local, visando compreender a relação que se estabelece no cotidiano dos contadores de histórias, entre a memória, as narrativas e a construção da identidade cultural. Para a realização do estudo a metodologia utilizada foi a história oral, a partir da qual foi feita a gravação em áudio da narração de algumas histórias de Trancoso, dentre elas os contos religiosos. A análise dos dados revela que os narradores acrescentam algo de sua singularidade ao enredo, inserindo as marcas da identidade cultural e do contexto social no qual convivem.

Palavras-Chave: Narrativa, contos, literatura oral.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos da Cultura Popular permitem que lancemos um olhar investigador para aspectos da cultura oral, na qual se insere as narrativas aqui estudadas. Além disso, possibilita adentrarmos no contexto cultural de produção dessas histórias, pois não podemos compreendê-las, sem conhecermos aqueles que a produzem.

Nessa perspectiva, vamos ao encontro do objetivo proposto neste trabalho, que é fazermos uma análise das histórias de Trancoso, procurando compreender a relação que se estabelece, a partir de sua reconstrução feita por uma contadora de histórias, entre as narrativas, a memória e a construção da identidade cultural dentro da comunidade.

Compreender o universo da cultura popular, especialmente dos contos orais se mostra cada dia mais relevante, pois buscamos com isso entender os caminhos que a produção literária trilhou até chegar ao formato que hoje se apresenta em nossa sociedade. A partir dos estudos realizados, podemos dizer que as primeiras obras literárias foram forjadas, divulgadas e perpetuadas pelo viés da oralidade. Sendo assim, compreender esse universo se torna extremamente importante para a compreensão da literatura como um todo.

Nesse viés, buscamos trabalhar neste estudo com a metodologia da história oral, a partir da qual gravamos em áudio a contação de algumas narrativas conhecidas como *histórias*

de Trancoso, narradas por D. Noêmia, contadora de histórias do município de Água Nova, Estado do Rio Grande do Norte.

Na voz da contadora foi possível encontrarmos enredos que revelam a reelaboração das histórias a partir do modo de vida local. A percepção dessa reconstrução se deu por meio das leituras realizadas, nas quais nos deparamos com versões das mesmas histórias ouvidas, mas com elementos que remetem claramente ao contexto de quem as narrou.

OS CONTOS RELIGIOSOS

Para compreendermos melhor de onde parte essa classificação, é necessário conhecermos os estudos anteriores que nos fizeram chegar até ela. Dentre eles, ganha destaque os de Cascudo (2006), no qual o autor busca uma definição para os diversos tipos de narrativas populares estudadas no Nordeste brasileiro.

No estudo citado os contos se dividem em: “contos de encantamento”, nos quais se sobrepõe os elementos sobrenaturais, o herói é sempre auxiliado por algo que está além da realidade; “contos de exemplo”, que buscam ensinar a moral sensível e popular; “contos de animais”, são os que conhecemos como fábulas, nos quais os animais vivem uma situação que serve de exemplo para os homens.

Apresenta ainda “a facécia”, que é uma história simples com fundo cômico. E os “contos religiosos”, que contam sempre com a presença divina, o milagre, a punição ou o ensinamento. Para Cascudo, “o conto religioso não fixa tempo nem indica zona de influência memorial. Pertence a uma espécie de apologética de espírito popular, com processo especial para a dosagem dos pecados e tabelamento dos méritos.” (CASCUDO, 2006, p. 335)

Neste trabalho, analisamos dois contos religiosos, intitulados *o fígado da ovelha e o repente da mulher*. Os contos religiosos, também foram classificados como narrativas pias populares por Oswaldo Elias Xidieh (2003), em seu livro *Narrativas populares: histórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo*. Nessa obra, o autor enfoca que nas histórias de Jesus e São Pedro, encontramos embutidos os valores típicos da cultura popular, que dão ênfase a aspectos como: moral, justiça, roubo e furto, práticas e crenças mágico-religiosas, religião, elementos literários e estereótipos sociais.¹

No que tange aos valores presentes nas narrativas pias, o autor defende que eles estão relacionados a situações práticas do dia a dia, numa tentativa de definir aquilo que deve ou

¹ Cf. XIDIEH, 2003, pp. 83-113.

não ser feito pelo grupo social, e propõe um quadro que retrata a natureza desses valores, nas palavras do autor, este quadro apresenta:

Expectativas coletivas quanto à hospitalidade, à justiça, à moral dos costumes, ao direito de propriedade, com os correspondentes sentimentos e qualidades morais de bondade, boa-fé, modéstia, simplicidade e honestidade em oposição à vileza, com os correspondentes sentimentos e defeitos morais de ganância, malícia, escárnio, hipocrisia, impostura, mentira, etc. Além disso, ao propor esse quadro de situações antagônicas, a moral rústica intervém nele mais uma vez, completando-o com um rol de prêmios e castigos, recompensas e condenações. (XIDIEH, 2003, p. 84)

A fala do autor ilustra a relevância que as narrativas pias ou contos religiosos têm dentro do contexto social no qual circula, sendo veículo não só de entretenimento, mas também de formação dos valores e da moral dos sujeitos em sociedade. Essas narrativas se configuram como uma forma de demonstrar as pessoas que existe uma série de normas e comportamentos sociais que precisam ser respeitados, ao mesmo tempo em que coexistem comportamentos que são condenáveis do ponto de vista moral, religioso e da cultural.

Encontramos nas narrativas a tentativa de dar conselhos através dos personagens que aparecem, não somente nas histórias de Jesus e São Pedro, mas nos contos populares como um todo. A maneira de ser e fazer o que é determinado carrega sempre um caráter de ensinamento, seja o herói, por suas vitórias, ou o vilão com os castigos que recebe por não ter seguido o que manda a bondade e a obediência. Vemos claramente essas características nos contos analisados.

Sobre esse aspecto funcional do conto, encontramos uma contribuição valorosa do estudo de Propp (2010), no qual defende que “as funções constituem elementos fundamentais do conto maravilhoso, sobre os quais se constrói a ação.” [...] (PROPP, 2010, p. 68). As funções são distribuídas entre os personagens, de acordo com sua posição no enredo e com a esfera da ação a qual corresponde. Assim, para o antagonista, estão destacadas funções como o dano, o combate contra o herói e a perseguição, enquanto para o herói, estão funções como o afastamento na busca de reparar o dano, a vitória e o casamento. Vale salientar que essas são apenas algumas das funções elencadas por Propp.

Percebemos assim que o conto popular traz em sua composição muito mais do que uma simples sequência de fatos, é uma elaboração complexa, que perpassa a capacidade criativa e imaginativa do homem, levando em conta a formação pessoal e social na busca por uma unidade no que se refere à noção de sociedade e de ser humano que se pretende forma, e

é a partir da voz do contador de histórias que esse conto toma forma e ganha seu espaço na comunidade como meio de perpetuar um modo de vida.

DOIS CONTOS EM ANÁLISE

A seguir apresentamos a análise de dois contos que são classificados como religiosos por Câmara Cascudo (2006), e como narrativas pias populares por Xidieh, (2003). Para Cascudo, “através desses contos age a mentalidade coletiva, impondo ao personagem mentalidade, ações, palavras e sentenças de acordo com o sentimento local.” (CASCUDO, 2006, p. 335). O autor acredita que nessas histórias há uma contribuição muito grande do sentimento do contador no sentido de que este acrescenta sua concepção de mundo e de moral religiosa.

Salientamos que para a transcrição das histórias, utilizamos como código o C para contadora, e o símbolo ↵ para elevação do tom da voz, além disso, procuramos preservar um pouco do dialeto falado pela contadora. Vejamos a história.

O repente da mulher

C: Uma vez... no outro tempo, quando Jesus mais São Pedro andava pelo por o mundo... eles iam passando perto de uma árvore e aí avistaram um homem que era cego e estava abraçado com a árvore...

C: Deixa que em cima da árvore tava a muié dele mais outro caba... o coitado era cego aí ia atrás da mulher e quando ela subia na árvore ele se agarrava né!? Pra ninguém mais subir.

Aí foi quando São Pedro viu aquilo, foi disse:

-Ô Sinhô! Dá a luz dos olhos aquele coitado! Faz pena!

E aí Jesus foi disse:

-↵ Tu tás doido Pedro! Se eu dé a luz dos olhos a ele, ele mata os dois! Eu só dou se tu dé o repente² a mulher.

-Apois tá certo!

Aí foi Jesus fez o home enxergar... quando ele viu aquela rumação, foi disse:

-↵ Ah cachorra! Desce já daí que eu vou lhe matar!

Aí foi a mulher disse:

-↵ Tu tas doido marido, esse aqui é um anjo que desceu do céu pra dá a luz dos teus olhos!

O enredo que mostramos aqui tem como fio temático principal a vida de Jesus Cristo na terra, tema que é bastante recorrente na cultura popular de um modo geral, foi muito estudado por Xidieh (2003). Nessa obra o autor busca definir um significado para as narrativas pias dentro da sociedade. Para ele,

² A contadora entende repente como a capacidade de se livrar de uma situação difícil usando a inteligência.

Quanto à posição e ao significado das narrativas populares em relação à estrutura social rústica, constatamos que esses relatos consagram tipos sociais, *status*, funções e papéis específicos da estrutura social rústica e, ao mesmo tempo, estabelecem juízos e julgamentos de valor sobre tipos sociais, funções, *status*, e papéis específicos da estrutura social mais abrangente, pontuando uma defasagem entre essas estruturas. (XIDIEH, 2003, p. 127)

O desenrolar da narrativa acima, objetiva de certo modo, consagrar a mulher como uma pessoa extremamente inteligente, dentro da cultura popular é comum encontrarmos referência às mulheres como dotadas de uma capacidade singular para sair de situações difíceis, graças à astúcia e ao improviso, que a caracteriza de modo único dentro da sociedade. Nessa perspectiva, ser mulher se torna uma representação social.

A história do repente da mulher poderia ainda ser classificada como um conto facecioso, já que em sua composição encontramos elementos que o aproxima da comicidade. Embora trate de um tema sério, como a traição, a situação na qual acontece o fato, acaba levando ao riso. Há também no conto, caracteres que o colocaria dentro do rol dos contos etiológicos, já que é produzido com a intenção de explicar como a mulher se tornou inteligente, ou seja, fala da origem de algo que permanece até hoje. Entretanto, preferimos classificá-lo como conto religioso, pois é o aspecto que mais predomina dentro de seu contexto, o milagre realizado por Jesus se sobrepõe aos outros aspectos do conto.

Pedro aparece como um inconsequente, que não pensa no que pode acontecer a partir de seus atos, se preocupando apenas com um dos lados da história, que é a situação do homem, sem se preocupar com o que poderia acontecer com aquela mudança tão brusca de situação, quando o homem, de cego e coitado, a ofendido em sua moral. No entanto é Jesus quem alerta Pedro para o perigo de fazermos algo sem pensar nas consequências, o que mostra sua benevolência mesmo diante da falta de consciência de Pedro.

Algo muito presente nas histórias de São Pedro e Jesus na terra é o exemplo, Jesus procura sempre ensinar a Pedro através de situações práticas, nas quais a lição vem com a situação em que se encontra, como veremos no conto a seguir, que mostra mais uma vez a sabedoria e grandeza atribuídas a Jesus.

O fígado da ovelha



C: Era uma vez, quando Jesus mais São Pedro andava pelo mundo... aí um dia Jesus comprou o figo³ de uma ovelha e pediu pra São Pedro cozinhar. Aí São Pedro toda vez que mexia a panela, comia um pedaço do figo. Aí quando chegou a hora do almoço... eles foram almoçar. Aí Jesus disse: -Ó Pedro! Cadê o figo da ovelha que eu num tô vendo nenhum pedaço? São Pedro pegou e disse: -Não! Senhor! Essa ovelha não tinha figo não! -É mesmo Pedro? -É mesmo Senhor! -Então tá certo. Aí quando foi a mei dia eles foram se deitar, armaram as rede assim 🐾 debaixo de uns pés de pau. E aí toca Jesus juntar umas moedinhas em três montinho. Aí São Pedro perguntou: -Senhor! pra quem é essas moeda? E Jesus respondeu: -Ora Pedro! Esse é pra mim, esse é pra você e esse é pra quem comeu o figo da ovelha! -É mesmo Senhor!? -É mesmo Pedro! Aí Jesus continuou botando as moedinhas em cima das outras. Aí quando os monte tava bem grande, São Pedro tornou a perguntar. -Senhor, pra quem é mesmo esse dinheiro? E Jesus tornou a dizer: -Esse é pra mim! Esse é pra você! e esse é pra quem comeu o figo da ovelha! Aí foi São Pedro disse: -Apois foi eu Senhor! Quem comeu o figo da ovelha! -Apois pega Pedro! O dinheiro é teu.

Essa narrativa mostra a natureza de São Pedro enquanto malandro, que tenta se dar bem fazendo algo de errado e procurando camuflar o que aconteceu com uma mentira. Já a representação de Jesus aparece como sinônimo de sabedoria, pois mesmo sabendo que Pedro é culpado, busca uma confissão, usando para isso uma estratégia que mostra outro lado condenável de Pedro, que é a ambição.

Nesse caso, temos o conto popular como lição de vida, ressaltando a importância da confiança entre as pessoas. Jesus representa um papel muito importante, como ser sábio e ao mesmo tempo paciente, pois acaba perdando os erros de Pedro, mas antes lhe ensina uma lição, que serve de guia para o comportamento dos ouvintes da história.

Encontramos uma versão deste conto na obra de Câmara Cascudo (2004), Contos tradicionais do Brasil, na qual algumas diferenças chamam a atenção, como o fato de que o que São Pedro come, não é o fígado, mas os rins da ovelha, e a forma que Jesus encontra de ensinar uma lição a Pedro, primeiro ele quase se afoga, mas não conta quem comeu os rins, depois quase se queima, mas mesmo assim ainda não conta. Contudo, ao se deparar com um monte de moedas que seriam para quem comeu os rins, não resiste e confessa que os comeu.

³ Fígado

Na versão de Cascudo fica ainda mais clara a reflexão acerca do comportamento do homem, já que o conto termina com a seguinte frase: “O homem resiste mais à água e ao fogo do que o dinheiro. O que o dinheiro não arrumar, não tem mais arrumação.” (CASCUDO, 2004, p. 251). Esse aspecto revela que o conto, além de carregar uma lição de vida, traz ainda uma necessidade de refletirmos sobre os valores que precisamos em nossa vida. Jesus sabia que Pedro era materialista e não poderia resistir ao dinheiro.

No enredo narrado por D. Noêmia, aparecem alguns elementos típicos de seu modo de vida, que não encontramos na versão de Cascudo, como por exemplo o modo de descansar embaixo de uma árvore, que é uma forma que o sertanejo encontra de aliviar o cansaço da luta diária, bem como refrescar o calor causado pelo sol escaldante do Nordeste. Esse momento de descanso acontece deitado em uma rede, que representa uma maneira muito comum de se descansar no sertão.

O conto que vimos, embora seja breve, mostra uma gama de referências que são representativas do fazer popular, como a forte presença do ideário religioso, a importância da vida de Jesus e o que fez aqui na terra. Ao narrar o conto, a narradora mostra plena convicção de que realmente Jesus esteve aqui, e a narrativa é uma forma de comprovar essa presença no íntimo de cada um que a ouve, e que incorpora mais uma aprendizagem ao seu modo de vida.

Dessa forma, os contos populares de um modo geral apresentam uma fórmula que é seguida e reelaborada pela contadora, essa fórmula, é mais fixa nos contos de encantamento, os quais começam quase sempre com era uma vez, e mesmo quando não começam, encontramos o verbo ser, no pretérito imperfeito. A forma “era”, indica ao ouvinte que o tempo e espaço em que ocorreram os fatos ali narrados é passado, mas um passado que está ao mesmo tempo muito próximo, pois ao ouvirmos a frase “Era uma vez”, nos transportamos para esse tempo e lugar, que nos coloca em sintonia com tudo que acontece na história.

O estudo da cultura popular nos permite conhecer o universo dos contadores de histórias e sua produção literária, bem como outras formas de manifestação dessa cultura, abrindo espaço para a realização de trabalhos como esse, no qual buscamos mostrar que a produção cultural popular não ocorre sem uma organização, é antes uma produção pautada em fórmulas e tradições que precisam ser seguidas e mantidas dentro de um grupo social.

Desse modo, o contador é aquele que detém o conhecimento das histórias, que adquiriu através da memória. Essa capacidade de guardar o enredo na memória e ser ouvido pelos membros da comunidade faz com que o contador de histórias construa sua identidade enquanto representatividade desta comunidade, que o elegem como sábio, capaz de orientar os seus pares na organização da vida diária.

Com isso, contar histórias se torna uma marca identitária, na qual está implícita uma relação de poder dentro da comunidade, uma vez que, como mostra Rondelli, “o contar histórias é, ao mesmo tempo, demonstração de sabedoria e discurso sobre o saber como instrumento de conquista do poder e riqueza.” (RONDELLI, 1993, p. 46). O que mostra que para o contador de histórias, a maior riqueza é mesmo a sabedoria adquirida com experiência.

Outro aspecto que podemos considerar na realização do trabalho é a importância que a memória representa no universo das histórias de Trancoso. Podemos observar que os contos estão circulando em todo o mundo desde os tempos mais remotos, passando de geração em geração, de continente a continente a partir da capacidade que o ser humano tem de se encantar e guardar na memória aquele encantamento, sabendo que mais tarde, virá a oportunidade de encantar a outros com o que ouviu.

Essa capacidade de encantar através da voz, marca fundamental das narrativas aqui analisadas, vem mostrar que a voz do contador de histórias, além de favorecer o lazer, garante a coesão e coerência de um grupo e sua identidade, já que por essa voz, é repassado todo um repertório, não só de histórias de Trancoso ou outra forma de literatura oral, mas também de valores e normas sociais de convivência estabelecidas pelo grupo social, na tentativa de manter uma unidade dentro da comunidade.

Nessa perspectiva, vimos ao longo do trabalho com as análises, que as narrativas são recriadas pelos contadores, sendo adaptadas ao contexto no qual são narradas. Essa recriação faz com que os contos se configurem como uma matéria rica em representação da identidade de um povo, apresentando em seus enredos os valores tradicionais como os sentimentos de fé, coragem, moral, sabedoria e esperança, perpetuadas na sociedade através da tradição oral, especialmente dos contos populares. Por isso, “o conto é de importância capital como expressão da psicologia coletiva no quadro da literatura oral de um país. [...]” (MEGALE, 2003, p. 51)

Assim, através das narrativas orais, os contadores são ainda capazes de emitir ideias, sentimentos, conceitos de realidade e de valor, passando a ser considerados pelos seus pares como pessoas especiais, são procurados e considerados sábios e conselheiros, com uma capacidade peculiar de analisar os fatos cotidianos e emitir opiniões com base em experiências suas e de outras pessoas, conquistando com isso a credibilidade do público.

No repertório de textos analisados nesse trabalho nos deparamos com a memória de uma tradição vinda e permanecida pelo viés da oralidade e na qual se traduz formas de pensar, viver e se relacionar das pessoas que vivem nas comunidades onde são narrados e dos contadores de histórias, que se configuram como os guardiões dessa forma literária secular,

que perdura anos a fio na memória do povo, que conta e se encanta com as maravilhas do mundo literário das histórias de Trancoso.

Encontramos ainda nestas histórias, uma maneira de mostrar que nas cidades pequenas, e mesmo nos lugares mais distantes, existe uma vasta produção literária, que acontece naturalmente e faz parte da vida de todos que ali convivem. Por isso, valorizar a cultura formada pela literatura oral é indispensável, uma vez que na oralidade nos deparamos com as pessoas que fazem literatura simplesmente pelo prazer de estar em companhia das outras e compartilhar com elas suas crenças, visões de mundo e fantasias.

Este trabalho, no qual buscamos estudar as histórias de Trancoso no Município de Água Nova, Estado do Rio Grande do Norte, Brasil, tendo como objetivo compreender a relação entre essas histórias, a memória e a construção da identidade a partir da reelaboração das narrativas por parte dos contadores de histórias, é respaldado na vertente crítica de estudos da cultura popular, que considera o sujeito produtor dessa cultura como principal agente e fonte de conhecimento.

Trata-se de um estudo sobre o conto popular, que chegou até nós através da memória dos contadores de histórias, mesclado por influências das diversas culturas que formam o nosso povo, pois como mostra Cascudo, “[...] é sabido que os contos mais apreciados pelos povos transmigram de uma terra para outra, conservando, com tenacidade admirável, seus traços gerais através de todas as mudanças de tempo, de espaço e de idioma.” (CASCUDO, 2002, p. 96) E ao chegar a cada comunidade, os contos vão ganhando novos traços, incorporados pelos contadores de histórias, que são ao mesmo tempo co-criadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo aqui apresentado consideramos que os contos constituem uma criação coletiva, dado que cada contador lhe introduz inevitavelmente pequenas alterações, que são as marcas da identidade cultural de quem conta, impregnada com seus sentimentos e visão de mundo, dando ao conto um caráter universal, por tratar de temas relacionados à condição humana, e ao mesmo tempo particular, por carregar as marcas individuais do contador que o reproduz.

Percebemos ainda que contadores de histórias como a que colaborou na realização deste trabalho, não frequentaram academia, tampouco se preocuparam em publicarem obras, ou escrever as tantas histórias fantásticas que povoam seu fazer diário, no entanto, fazem da memória um meio de eternizar o que sabem. Como bem diz Ecléa Bosi, “A história deve

reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos.” (BOSI, 2007, p. 90).

Desse modo podemos mencionar que é inegável a presença dos contos nas nossas vidas, uma vez que eles nos falam bem de perto, de sentimentos que não são caros e intrínsecos, como amor, ódio, traição, vingança, perda, recomeço, vitória, entre outros, o que demonstra a íntima relação do conto com o mundo real, e justifica o fato dessas narrativas terem se perpetuado, apesar das drásticas mudanças pelas quais a sociedade passou e continua passando ao longo do tempo.

Sendo assim, ao refletirmos acerca da relação estabelecida entre os contos religiosos, a memória e a identidade, vemos que essas categorias não só se relacionam, como se interrelacionam, dado que as histórias continuam a existir graças ao trabalho da memória, esta por sua vez, possibilita ao sujeito um sentimento de pertencimento a uma sociedade em particular, e por meio da memória da coletividade na qual está inserida é que vai se constituir sua identidade cultural, dando ao indivíduo uma definição de seu lugar e papel na sociedade.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de Velhos**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**. v. 2. 5. ed. São Paulo: Global, 2002.

_____. **Contos tradicionais do Brasil**. 13. Ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

MEGALE, Nilza Botelho. **Folclore brasileiro**. 4. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

PROPP, Vladimir Iakovlevitch. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

RONDELLI, Betty. **O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão**. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, 1993.

XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas populares: estórias de nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 2003.